

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Utilização dos bens culturais como recursos educacionais

Evelina Grunberg*

Introdução

Existem muitas e diversas definições de cultura. Uma das mais conhecidas e comuns é a que apresenta a cultura como sinônimo de erudição e refinamento. Ser uma pessoa culta é falar várias línguas, entender e apreciar as belas artes e acumular saber e erudição. No entanto, para desenvolver o nosso trabalho, partimos de um outro conceito, um conceito antropológico e definimos *cultura* como:

Todas as ações e processos individuais ou coletivos de criação e recriação de formas de perceber, organizar e integrar o mundo que os homens fazem entre si e com o meio ambiente.

* Arquiteta.

Como também define Patrícia Safa (1986),
cultura

(...) é um processo de comunicação e de inter-relação; todos os povos produzem cultura, elaboram representações simbólicas das suas relações com o meio ambiente físico e social, produzem conhecimentos e técnicas para transformar a natureza e códigos de comunicação entre seus membros. Tradições, costumes, lendas, festas e rituais são as manifestações de forma específicas de interpretar e resolver as relações com o cotidiano e o mundo.

E, ainda,

Neste sentido, continua Patrícia Safa, a cultura não contrapõe o espiritual em oposição ao social ou material. A cultura é a produção de fenômenos que contribuem através da representação simbólica das estruturas materiais, a reproduzir e transformar o sistema social.

A cultura é eminentemente *dinâmica* - transmite-se e se aprende-se -, e é neste processo de socialização que aprendemos a formar parte do grupo ao qual pertencemos, onde vamos adquirindo a nossa identidade.

Todas as ações através das quais os povos expressam suas formas específicas de ser são *cultura*, e assim seus membros se identificam como integrantes de um grupo dentro do contexto social que partilham, e possuem uma história em comum.

A cultura se identifica nos *produtos materiais e imateriais*, e nas formas em que cada povo os usa, nos costumes, nas tradições, nas crenças, na

organização social, nas manifestações artísticas, nos processos históricos e nas atividades científicas e tecnológicas.

Reconhecer que todos os povos produzem cultura, que cada um tem uma forma *diferente* de se expressar e que todos os povos e suas culturas não são iguais, significa aceitar a *diversidade cultural*. Este conceito de diversidade nos permite ter uma visão mais ampla e reconhecer que não existe culturas superiores e culturas inferiores, assim como o julgamento de outras culturas a partir da nossa.

A interpretação histórica da descoberta da América, sua ocupação pelos povos europeus e o processo colonizador é um bom exemplo para aplicarmos o conceito de diversidade cultural, especialmente quanto enunciados da história oficial como: "um povo mais civilizado do que o outro", ou "os europeus civilizaram o índio".

O Brasil é um país *pluricultural*, ou seja, caracteriza-se pela diversidade cultural de suas regiões. São essas particularidades culturais que cada região possui que enriquecem e permitem o desenvolvimento cultural do país. São essas *características regionais* que contribuem para a formação de *identidade* do cidadão brasileiro, na medida em que, incorporadas ao processo de formação do indivíduo, lhe permitem reconhecer seu passado, compreender o presente para poder modificá-lo e planejar o futuro.

Para poder alcançar a identidade nacional, todas as regiões, assim como todos os grupos sociais que compõem o povo brasileiro, deverão ter a possibilidade de se expressar, estar representados e participar na construção do país. Somente assim se poderá alcançar uma identidade nacional diversificada, igualitária e muito mais justa.

Guillermo Bonfil, quando fala de pluralismo cultural e democratização diz:

(...) a única maneira de que os grupos participem na construção de uma nova sociedade é a partir de seus próprios seres históricos e culturais. É somente nesse contexto que poderão criar, propor iniciativas e resolver problemas.

Falamos, anteriormente, que a cultura se identifica através de seus produtos materiais e imateriais, e nas suas múltiplas maneiras de usá-los. Os *bens culturais* são aqueles através dos quais podemos compreender e identificar a cultura de um povo, em determinado lugar e momento histórico. Estes bens culturais podem ser *materiais e imateriais*. A evidência *material* é aquele bem que posso pegar, tocar: um livro, uma casa, uma panela, um quadro, um documento, um instrumento musical, um jornal, uma fotografia, um ônibus, etc. O *imaterial* é aquele bem que acontece em determinado momento e não se materializa através do tempo, não se perpetua: a execução de uma música, uma

procissão, um ritual de umbanda, uma forma de plantio, um processo de fabricação de vinho etc. Somente através de seu registro, que pode ser escrito, falado, filmado, fotografado, é que se materializa.

Historicamente somos herdeiros de um universo muito rico de bens culturais materiais de outras épocas, e muito poucos são os bens imateriais que se salvaram somente através de seus registros.

Os bens culturais podem ser também *consagrados ou não*, de acordo com os valores e a ideologia que ditaram e ditam os critérios para sua preservação. O que ficou preservado, na maioria das cidades, como bens consagrados? As igrejas, as casas dos governantes, as câmaras e cadeias, as construções das pessoas ligadas ao poder, a classe dominante. Onde estão os outros bens culturais? O que aconteceu a eles? Por que não se preservaram as residências dos escravos, dos pequenos comerciantes, dos artesãos, dos pobres? Por que não se registraram para as gerações futuras a forma de tratar uma doença, como fabricar uma máquina de fazer macarrão ou velas?

Porque o que se preservou e guardou foi escolhido de acordo com os *valores* de quem participou da escolha, e foi somente um segmento da sociedade que o fez. A história oficial que se conta sempre é feita por quem tem o poder, eles

são os vencedores. Cadê a história e a tradição dos vencidos? Cabe a reflexão.

Esses bens culturais foram consagrados como exemplo de um momento histórico e de uma determinada classe social, porém eles refletem a organização social, política e econômica dessa sociedade, desde o momento em que se saiba *observá-los, analisá-los e estudá-los*, permitindo assim a recomposição de todos os grupos sociais que compunham aquela sociedade e aquela cultura, esta plurivisão é necessária para a compreensão daquelas.

Esses bens *culturais consagrados*, chamados também de bens patrimoniais (cidades históricas, monumentos, museus e seus acervos, arquivos e documentos, bibliotecas, esculturas, quadros, fotografias etc.) devem possibilitar, a quem os observa e estuda, uma experiência concreta de evocação do passado e sua compreensão, do contrário *não tem sentido sua guarda e preservação*.

Como escreve Garcia Canclini (1981),

(...) a história e o conhecimento do que fizeram outros povos em outras épocas devem fornecer elementos que se possam relacionar com a nossa realidade e com o nosso presente.

O contato com os bens patrimoniais possibilita uma experiência acessível a todos, e deverá traduzir-se na compreensão do passado do qual o observador é herdeiro, permitindo

uma maior consciência e conhecimento do presente para propiciar uma melhoria na sua qualidade de vida atual.

Reconhecer o passado cultural do qual o cidadão é herdeiro é mais um passo na conquista da sua identidade cultural e na compreensão e consciência do presente.

Um objeto tem em si, não somente a presença da forma e dos materiais com que foi construído. Ele guarda através disso todas as *relações de produção* da sociedade que o criou; um jarro indígena fabricado e pintado à mão nos remete à estrutura política, econômica, social e tecnológica do índio. Através do estudo do jarro e seu uso passamos a ter conhecimento e uma melhor compreensão dessa sociedade indígena. É necessário estudar esses objetos para que se tornem vivos e cumpram a função de *transmitir a memória* de sua época.

Os bens culturais *não-consagrados* são também muito importantes de preservar, pois eles fazem parte da vida e da sobrevivência do homem atual.

O processo de *homogenização cultural* que o Brasil está vivendo, através do papel que os meios de comunicação desempenham nestes últimos anos (jornais e televisão, especialmente como instrumento divulgador de ideologia) está acabando com as particularidades das culturas regionais. E, como vimos anteriormente, essa

diversidade cultural é importante na *construção da identidade nacional*, é muito fácil perceber como se dirige e manipula a opinião pública, para integrá-la na sociedade de consumo.

Artesanatos, utilização de plantas como alimentos e remédios, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, formas de construir moradias, meios de transporte e qualquer forma de atuação que o homem desenvolva para habitar, alimentar, trabalhar e se divertir configuram-se em produtos tão necessários à sua sobrevivência como a preservação de sua memória para as gerações futuras.

Citando novamente Bonfil

A cultura é experiência histórica acumulada, se forja no cotidiano na solução dos grandes e pequenos problemas com que a sociedade se enfrenta. A cultura consta de práticas já experimentadas e de um sistema de conhecimento, idéias, símbolos e emoções que lhe dá coerência e significado. Neste sentido a existência da pluralidade ou diversidade cultural funciona como um arsenal multiplicador de recursos para todo o conjunto da sociedade.

O saber e o conhecimento a respeito da selva amazônica que os índios possuem são parte de sua herança cultural. Não resgatar e utilizar esses recursos é empobrecimento cultural. Não significa que este conhecimento permaneça estático e seja simplesmente registrado e guardado. Ele deve ser incorporado

nos planos e projetos de desenvolvimento da região, como elementos e capacidades realmente disponíveis e não utilizar outros importados de outras regiões e/ ou países, como se não tivéssemos nenhum grupo social ocupando a séculos aquela área.

São justamente as *diferenças culturais regionais* que tornam o Brasil tão *rico*, sendo indispensáveis para seu *desenvolvimento econômico e cultural*. A homogenização da cultura leva à estagnação e à alienação e, em decorrência, à anulação dos valores locais, permitindo a instalação de padrões oficiais representativos da ideologia da classe dominante.

Os *bens culturais* são o ponto de partida do qual se originam uns sem número de informações, conhecimentos e enfoques. Eles servem como *fonte primária* de observação aberta à exploração. Neles se condensa um amplo leque de manifestações e relações humanas, tanto existidas como existentes. A proposta de utilizá-los como *recursos educacionais*, aplicando uma metodologia específica de trabalho, a chamamos de *Educação Patrimonial*.

Educação Patrimonial

O que vem a ser Educação Patrimonial?

Podemos defini-la como o *ensino centrado nos bens culturais*, como a metodologia que toma

estes bens como ponto de partida para desenvolver a tarefa pedagógica; que considera os bens culturais como *fonte primária de ensino*.

Sendo assim, e dentro da definição anterior, os bens culturais funcionam como um *recurso* que pode se transformar num instrumento no processo de ensino.

As primeiras experiências realizadas aplicando a metodologia da Educação Patrimonial datam de 1983, no Museu Imperial com a realização do I Seminário de Uso Educacional de Museus e Monumentos quando se detectou a necessidade do trabalho conjunto com os professores.

Posteriormente, em 1986, na Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos da Fundação Nacional Pró-Memória, priorizamos o trabalho dirigido à divulgação da metodologia junto aos *professores* da rede de ensino formal, para poder ampliar realmente o campo de atuação através do *papel multiplicador* que o educador desempenha dentro do sistema de ensino estruturado que é a "escola". Isto não significa que a aplicação da metodologia esteja restrita somente a este campo. A aplicação da metodologia de Educação Patrimonial pode ser feita em qualquer espaço social e com qualquer faixa etária.

Em função das opções e prioridades que definimos para desenvolver nosso trabalho, a

metodologia e as atividades que vamos apresentar dirigem-se, neste caso, às *crianças brasileiras* que se encontram em plena etapa formativa e que em seu processo de incorporação aos grupos sociais, necessitam aprender normas e regulamentos, maneiras de ordenar, perceber e viver o mundo.

A intenção e objetivo da nossa proposta é a de proporcionar à criança um maior contato com a *criação cultural* que é um *fazer contínuo da sociedade* na qual a criança tem um espaço próprio, ao mesmo tempo que a possibilita adquirir os instrumentos para *recriar, transformar, usar* e desfrutar o patrimônio cultural da sua região, do seu país e do mundo inteiro, preservá-lo, enriquecê-lo e valorizá-lo para participar das *mudanças* da cultura de hoje e do amanhã.

Em muitos casos o passado tem como único testemunho, ou fonte sobrevivente, um objeto cultural ou seu registro, é nele que encontramos a manifestação da cultura do povo que o criou. Vejamos como utilizá-lo para poder conhecer esse povo, a sua organização, formas de viver, pensar, trabalhar etc.

Ao considerar o objeto cultural como início de um processo de aprendizado levamos a participante, neste caso a criança, a *uma experiência* que deverá levar em conta:

A Percepção – Observação

Aprender através do olhar não é necessariamente simples, mas é uma possibilidade de enriquecer a experiência do conhecimento do mundo material. Desenvolver a habilidade de observação e interpretação dos objetos auxilia na compreensão do mundo e *não é necessário um conhecimento especializado para efetuar-lo.*

Aprender com os objetos requer *tempo, prática e um esforço consciente* que precisa ser desenvolvido através de *exercícios e tarefas.*

Ao treinar a observação e os outros sentidos (gosto, tato, olfato, audição), estamos desenvolvendo a *capacidade de percepção*, passo essencial durante o aprendizado para o desenvolvimento do processo de pensamento e maturação da criança.

O treinamento da observação através dos bens culturais é uma fonte riquíssima para o educador, desde que ele defina claramente os objetivos e metas da observação.

Tanto o *professor*, que se propõe a efetuar um trabalho com seus alunos utilizando um objeto, uma festa, uma fotografia, um museu ou um monumento, como os *educadores do museu* deverão *definir* de maneira objetiva e clara o que se propõe com a atividade a efetuar.

O tipo de observação investigativa (detetivesca) leva o interesse da criança a descobrir e relacionar, a observar cuidadosamente, a deduzir e comparar, a utilizar o raciocínio, a pensar.

Todas estas propostas poderão ter ou não resposta na criança, de acordo com um fator importantíssimo no processo de aprendizagem que é:

A Motivação

Como fazer para que as crianças se interessem por um tema que o educador deve desenvolver em sala de aula, por exemplo os meios de transporte no século XIX?

Como fazer com que os alunos voltem seus olhos para o passado e queiram conhecê-lo?

A motivação deve atender *as necessidades da criança* e estar adequada ao seu nível de desenvolvimento intelectual e emocional. Estas necessidades são *concretas* e *imediatas*, a criança julga e interpreta a realidade a partir de *seu próprio mundo*: a família, a casa, a rua, a escola, o bairro. As noções abstratas de tempo são muito difíceis de perceber; que significa um ano, cinco anos, cem anos atrás?

A noção tempo/espço é uma noção que a criança vai adquirindo gradualmente, ao mesmo tempo em que possibilita trabalhar com a *facilidade*

que ela tem em se locomover entre o presente e o passado, ela transita entre a fantasia e a realidade. O mundo privativo e fantástico pelo qual transitam super-heróis, dragões e castelos e por que não D. Pedro II? O tempo para ela é somente um, e é a partir disto que devemos explorar seu interesse. Lembrando que a imaginação é a base da criatividade pela qual a criança vai se manifestar. Fantasia e imaginação são elementos que auxiliam no processo de aprendizado, o educador não pode, porém, confundi-lo com a falsa informação ou a mentira. Todo trabalho que se desenvolva baseado no passado deverá estar sempre fundamentado *no estudo e na pesquisa*. Quando o professor não puder responder ou tenha alguma dúvida quanto a alguma informação requerida pelo aluno, ele deverá agir honestamente. Toda informação falsa veiculada para a criança no processo de aprendizado é **CRIME**.

O interesse da criança é concreto e tem como base suas próprias experiências, assim, deduzimos que as *experiências concretas* são mais facilmente assimiláveis e retidas que as abstratas, para as quais a criança deverá atingir um maior grau de maturidade.

A Memória

A memória é *indispensável no processo de aprendizado*, vivemos por ela. A memória modifica

o nível da percepção, lembramos o que nos interessa. O importante para nós fica marcado e registrado para sempre. Assim como as experiências desagradáveis e/ou traumatizantes são esquecidas. Para que todos estes fatores se traduzam em atividades que atinjam o seu objetivo, um componente da maior importância tem que entrar no jogo.

A Emoção

O fator emocional faz com que a criança se envolva em situações que a permitam conhecer e vivenciar determinada situação.

A vida da criança é definida principalmente pelo *fator emocional*, ele enriquece e soma a experiência e o desenvolvimento através da aprendizagem e da percepção. O *pensamento e o sentimento* caminham juntos durante o processo de crescimento, o conhecimento do mundo que a criança tem se baseia nas suas experiências emocionais e afetivas.

A percepção e a motivação atuarão melhor no processo de aprendizado quanto maior for o envolvimento afetivo da criança. Estes elementos, que definimos anteriormente, são o embasamento teórico que, se utilizados, permitirão ao educador melhor aproveitamento do processo de aprendizado com os objetos.

Metodologia da Educação Patrimonial

O importante, na aplicação desta metodologia, é que ela *se inicie* a partir do bem cultural e siga basicamente as seguintes etapas:

- A *Observação* desenvolve exercícios de percepção visual/sensorial, por meio de perguntas, experimentação, medição, anotações, dedução, jogos de detetive, comparação. Objetivo desta etapa é: a) A identificação do objeto, sua função e significado. b) Ele propicia o desenvolvimento da percepção visual/sensorial e simbólica.

- O *Registro* desenvolve as atividades de desenhos, descrições verbal ou escrita, gráficos, mapas, fotografias, plantas, maquetes. Registro de todas as informações materiais e simbólicas, históricas e culturais a respeito do bem cultural. Objetivo desta etapa é: a) A *fixação* do conhecimento percebido, *aprofundamento* da observação e análise crítica. b) Esta etapa propicia o desenvolvimento da memória, do pensamento lógico, intuitivo e operacional.

- A *Exploração* analisa todos os dados colhidos e levanta discussões, hipóteses e questionamentos. Amplia a pesquisa a partir de outras fontes como bibliotecas, arquivos, cartórios, jornais e entrevistas com pessoas envolvidas e ligadas ao bem cultural (idosos, professores, comerciantes, donas de casa,

artesões, jornalistas etc). Objetivo desta etapa é:
a) O desenvolvimento das capacidades de *análise* e *juízo* crítico. b) Esta etapa propicia a interpretação das evidências e significados.

- A *Apropriação* e a culminância da experiência vivenciada: recriação, leitura, dramatização, exposição, interpretação em vários meios de expressão, pintura, escultura, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo. Objetivo desta etapa é: a) O envolvimento afetivo, internalização, desenvolvimento da capacidade de auto-expressão e *apropriação*. b) Esta etapa desenvolve a participação criativa e propicia a valorização do bem cultural com emissão de juízo de valor.

Estas quatro etapas que dividimos assim, para efeito de explanação da metodologia de trabalho, na sua execução não são de fato tão compartimentadas assim, muitas vezes as etapas se processam num mesmo momento. O que não vem em nada prejudicar o objetivo final de explorar e utilizar todo o potencial que os bens culturais têm como recursos educacionais.

Para efeito de esclarecimento a respeito da aplicação da metodologia apresentada, trataremos, especificamente, de como trabalhar a mesma, tendo como ponto de partida um objeto material, uma visita a um centro histórico, um monumento ou um museu. Antes de mais nada,

o educador deve definir o que pretende ao levar seus alunos. Por que ir a determinado lugar? Para ver o quê? Esta visita será positiva se ao finalizá-la o aluno tiver uma *compreensão coerente do lugar*, de sua estrutura política, econômica, social e tecnológica, de seu funcionamento na época, da população que ali viveu, sonhou, trabalhou....

Ao desenvolver este trabalho possibilita-se aos alunos aprenderem sobre o passado, conhecê-lo e dar-lhe valor. Referenciá-lo com o presente permitirá a criança a comparação e o desenvolvimento de seu *espírito crítico*, fator essencial na formação do *futuro cidadão*.

Tanto a preparação do professor e seus alunos é importante para a exploração da visita quanto o *trabalho posterior* a ser desenvolvido em sala de aula. A visita que foi utilizada como motivação permitirá um desenvolvimento do aprendizado muito mais rico e proveitoso.

Quem morou naquela casa, como viviam as pessoas, em que época, o que comiam, como trabalhavam e brincavam, como praticavam esportes e se divertiam, quais eram e como se curavam as doenças, em que acreditavam, como pensavam, de que gostavam? Como eram os ricos, que relação tinham com os pobres, existiam diferenças ou eram todos iguais?

Vamos trazer essas pessoas de volta à vida, foram elas que fizeram essa parte da história, seus testemunhos (os objetos) estão conosco hoje,

porque não colocá-los para falar e contar-nos as histórias que eles sabem? A parte física, o testemunho que obrigou tudo isso, se encontra aqui. Como podemos *utilizá-lo para que conte* mais um pouco da sua história, para que nos dê idéia de como se vivia naquela época.

A observação e descoberta dos materiais com que são feitos os objetos, suas formas e tratamento, os modos de construção, os espaços, a comparação com os de hoje, os casarões e os apartamentos, os móveis de cada um, o seu tamanho. A *tecnologia como expoente da sociedade* e sua *estrutura*.

A *conservação* e a necessidade de *preservar*, para quê e porquê. Como vão os nossos netos e bisnetos saber a respeito de nós e de nossos antepassados?

Este monumento estava em que lugar, no campo, na cidade, como eram os arredores? Os jardins, a paisagem, a natureza, os animais, a terra, os rios, as outras construções?

Como se ocupou este espaço ao longo do tempo? Que transformações sofreu a paisagem? Como atuaram os homens que moravam naquele lugar? E hoje?

Para responder todas estas perguntas o educador pode e deve envolver *todas as matérias do curriculum*, pois a visita motiva para que se possa ensinar não somente história como também Matemática, Biologia, Geometria, Desenho, Ciências, Geografia, etc...

Vamos ver agora como trabalhar a metodologia da Educação Patrimonial tendo como início do processo de aprendizado a realidade do aluno, seu presente, suas raízes culturais e as da comunidades em que vive. Da mesma forma o professor deve perguntar a si mesmo o que pretende-se com a atividade proposta e definir os objetivos da mesma.

Recuperar as raízes a fim de preservar a identidade cultural da região. Possibilitar a consciência sobre a realidade em que a criança e sua família vivem. Estabelecer relações com o passado, de forma que a comunidade se reconheça e recrie formas de sobrevivência a partir de sua própria cultura.

Trabalhar a partir do universo imediato da criança, seu hoje, sua família, sua casa, seu meio ambiente, a sua história e a história do lugar. Da mesma forma que a criança aprende sobre o presente e parte dele para o seu passado, faz o movimento de conhecê-lo e dá-lhe valor. É na comparação que se desenvolvem as suas opiniões e seu *senso crítico*. Como são as coisas hoje? Como eram antes? Devem mudar? Por quê, como e para que?

A metodologia da Educação Patrimonial tem *um amplo campo de atuação* e propõe não somente uma nova maneira de utilização dos bens culturais do passado e do presente, como também uma *nova postura* por parte do educador,

no sentido de incorporar os bens culturais ao processo de aprendizado e como auxiliares no desempenho das funções de transmitir o conhecimento.

Como metodologia de trabalho, o *conteúdo ideológico* é dado por quem aplica. Tanto o professor, como o educador do museu ou o agente cultural que utilize esta metodologia ou qualquer outra, precisam pensar no seu papel como *transmissores de uma ideologia para a nova geração*. Vamos reforçar os conceitos tradicionais a respeito da história e de uma visão do mundo ou deixar a possibilidade de interpretação por parte do aluno? Temos que assumir o compromisso de nossa geração que vai formar a que vem. Seja qual for a postura que se adote deve-se estar *consciente* do papel que se desempenha como transmissor de conhecimentos e valores.

O *espírito crítico* é o fator principal *contra a alienação*, é ele quem garante a formação de um *adulto participativo* e consciente do seu momento histórico. Para isto temos que nos identificar e nos sentir parte da corrente histórica que vem do passado, não perder as nossas raízes para podermos nos sentir no presente, poder modificá-lo e transformá-lo num futuro digno para todos os homens.

Referências Bibliográficas

- BATALLA, Guillermo Bonfil. *Pluralismo Cultural y Cultura Nacional* – Ponencia presentada en el Tercer Seminario Sobre Cultura e Identidad Nacional. Oaxaca: México, 1981.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Cultura y Sociedad: Una Introducción* – SEP / Dirección General de Educación Indígena. Dirección General de Culturas Populares , 1981 (fragmentos).
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. PAZ E TERRA Ed., 1988.
- FURTER, Pierre. *Educação e Reflexão* – Editora Vozes Ltda, 1979.
- GORMAN, Richard M. *Descobrimo Piaget* – Um Guia Para Educadores. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1976.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.
- LIMA, Roberto Kant. *A Antropologia da Academia: Quando os Índios Somos Nós*. Editora VOZES LTDA, 1985.
- Plan de Actividade Culturales de Apoyo a la Educación Primária* – PACAEP – Documento Rector – Dirección General de Promoción Cultural. México: DF, 1984/1988.
- SAFA, Patricia. *Cultura Educación y Sociedad* – Nota Introdutória y Selección de Textos – “Educación y Cultura” - Ponencia presentada en la Reunión Nacional de Directores Federales y Coordinadores Estatales del PACAEP – Tasco México, 1986.
- SANDSTRÖM, C.I. *A Psicologia da Infância e da Adolescência*. Zahar Editores, 1978.
- SOUZA CAMPOS, Dinah Martins. *Psicologia da Aprendizagem*. Editora VOZES LTDA, 1980.